



Gaiato

21 DE JULHO DE 1973
ANO XXX — N.º 766 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



PAI AMÉRICO

E domingo. O 14.º do Tempo Comum. Não queria ter falado dele hoje. Vem aí o 16 de Julho e seria oportuno. Eu queria tanto dá-lo a conhecer aos Rapazes que o não conheceram! Ser capaz de evidenciar sua presença, não como uma memória, mas como uma raiz que — não se vendo, embora — diz da vitalidade de quanto se vê!

Queria, portanto, não ter falado dele hoje... Queria ter guardado o tema para a celebração do seu nascimento para o Céu. Mas as lições que a Liturgia nos deu a meditar, não mo permitiram de tanto que são retrato dele.

Nenhum Homem é dos homens como os Homens de Deus. Se tudo quanto ELE quer de nós é amor, um amor sincero, autenticado pela verdade e pelas obras, amor que O tem por objecto e simultaneamente os homens que ELE ama — não admira que o Seu Espírito entre nos Seus escolhidos e os levante (como testemunha o Profeta Ezequiel) e os envie aos homens seus irmãos a dizer-lhes: «São tais e tais as palavras do Senhor».

«Escutem estes, ou recusem-se a fazê-lo, saberão que há um profeta no meio deles».

E um profeta — quem é? Um homem como os outros, porventura «pecador de sete vezes ao dia» (conforme Pai Américo gostava tanto de repetir), que Deus escolheu e missionou (sabe ELE porquê), o qual pagará as «revelações extraordinárias» com «um espinho no corpo, um anjo de Satanás destinado a esbofeteá-los para não me encher de orgulho» e para que os homens reconheçam que «te basta a Minha graça, pois é na fraqueza que a Minha força actua plenamente» (segundo o desabafo de S. Paulo). «Por isso — continua o Apóstolo — é que sinto prazer nas fraquezas, nas afrontas, nas adversidades, nas perseguições e nas angústias sofridas por Cristo. Pois, quando me sinto fraco, então é que sou forte.»

O profeta é um homem de sim-sim, não-não, sem medo de ninguém e de nada, a não ser da VERDADE, de ser infiel à VERDADE.

Não é um neutro. É definitivamente polarizado. E polariza... «Aceitem-no ou recusem-no, todos saberão que há um profeta no meio deles».

Não é, pois, o profeta um homem especial senão pela escolha e pela graça de Deus. Aos olhos dos homens pode não passar do «carpinteiro, Filho de Maria e parente de Tiago, de José, de Judas e de Simão». Mas a aparência não suprime a interrogação: «Donde Lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que Lhe foi dada? E os prodigiosos milagres que as Suas mãos realizam?».

Os que recusam, «ficam indispostos com Ele». Os que aceitam, sobem do visível ao invisível, dos factos à sua explicação — e acabam por ajoelhar diante da incompreensível Misericórdia de Deus, que, em favor dos homens, suscita Homens que escolhe e marca com o «contraste» das afrontas, das adversidades, das per-

Aqui, Lisboa!

Sabemos que é preocupação dos Responsáveis pelas coisas públicas a eficiência dos serviços e o bem estar dos seus servidores. Em declarações prestadas, de quando em vez, se têm manifestado grandes preocupações e assaz ansiedade. A burocracia tem de se simplificar até ao mínimo exigível e a capacidade de resposta aos problemas surgidos deve permitir resoluções rápidas e correctas. Sem gente capaz, porém, toda a máquina emperrará e nem os melhores planos ou as reformas mais belas se explanarão com probabilidades de êxito, acabando mesmo em fracasso, ou gerando o caos. Deste modo, o País sofrerá no seu cerne as mais trágicas consequências e, naturalmente, serão os seus filhos mais pobres ou desprotegidos que as sentirão em maior grau.

Há, evidentemente, que facultar aos servidores do Estado condições propícias, quer na ordem material quer na ordem do espírito, ao nível dos outros funcionários. Mas também há que exigir-lhes o cumprimento dos deveres. A mentalidade que leva a subestimar os valores e



«O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido; seus largos, seus nichos e «alminhas» — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada.»

não museu de «naturezas mortas» para turista ver. Um Barredo onde possa viver-se em condições humanas, ao nível das exigências de higiene e de comodidade de que não pode demitir-se o homem do nosso tempo. Um Barredo onde a personalidade de quem lá more possa construir-se na intimidade inviolável de cada lar e na convivência sadia e justa de bons vizinhos, que, por isso mesmo, são uns para os outros, o Próximo.

Um Barredo que não seja lugar de multidão, mas logradouro apetecível de quantos razoavelmente pode alojar. Um Barredo de pessoas e não de gente massificada, capaz de proporcionar «almas sãs em corpos sãos». Um Barredo onde eu e tu e todos que vivemos em casas e locais proporcionados à nossa condição, não desdenhámos morar.

NÃO me canso desta exclamação de Pai Américo. Ela ressurge ao contemplar a linda fotografia que vai junto. Porque será que a cidade de cimento armado dificilmente tem a poesia dos bairros antigos?!

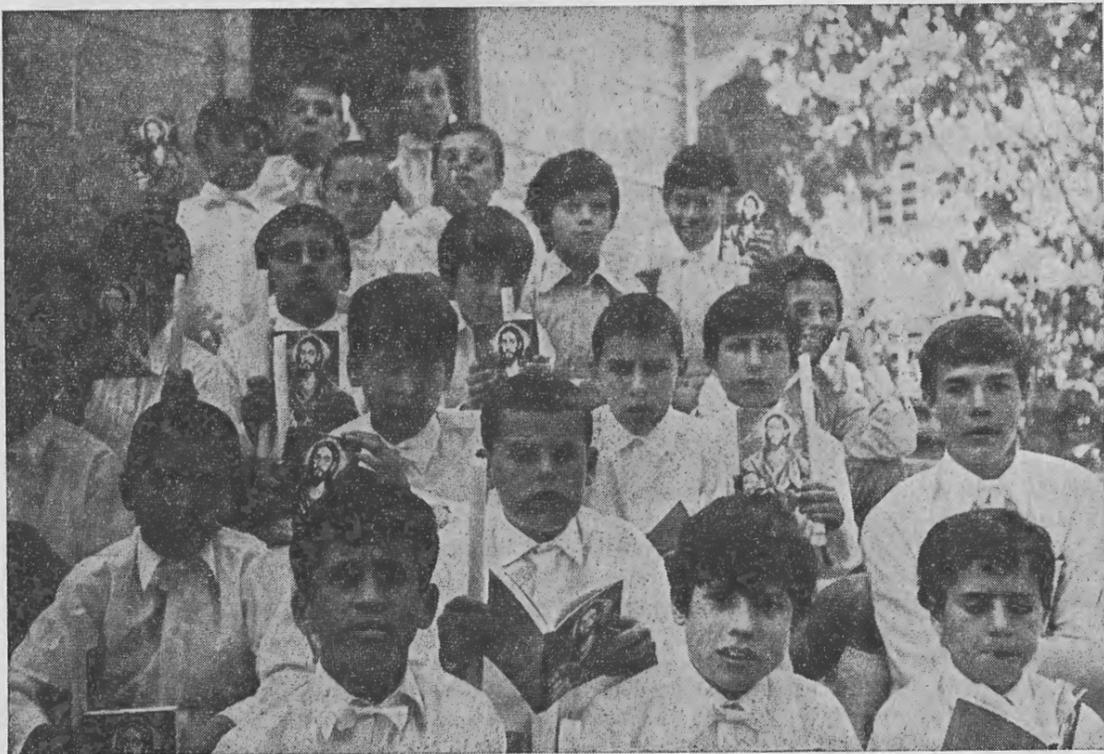
Mas nós não somos, nem queremos ser, poetas da miséria. Nós aspiramos a um Barredo que se conserve no que tem de conservar. Um Barredo vivo, testemunho de uma época,

Continua na QUARTA página

Continua na QUARTA página

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO



Um grupo de Paço de Sousa, após a Profissão de Fé, na Solenidade do Corpo de Deus.

Paço de Sousa

DESPORTO — Futebol: Com a chegada das praias o futebol resolveu também entrar em férias devido à maioria dos nossos Rapazes se encontrar na praia. Os convites também são poucos. Mas o nosso técnico também rejeita a maioria, tendo em vista a sua ocupação ao serviço da Casa. Como estou a falar de futebol, aproveito em nome do nosso técnico para fazer um pedido:

No caso de alguma equipa da primeira, segunda ou terceira divisões nacionais e regionais, ou amadores, terem alguma bola que não lhes faça falta pedimos o favor de nos-la oferecer. Agradecemos antecipadamente, porque estamos numa grande crise de bolas.

Voleibol: Para iniciação de alguns dos nossos começámos a praticar outro desporto — o voleibol. Já há muito havia rede. Faltavam os suportes. Dois ou três mais corajosos lançaram-se ao trabalho. Gastaram alguns tempos livres ao serviço do resto da Comunidade.

Já temos rede e suportes. Falta-nos, agora, bola. As duas que temos encontram-se em estado miserável.

Por isso, como no capítulo do futebol, pedimos bolas para voleibol. Vamos ver se daqui a algum tempo teremos equipa que se possa defrontar com os de fora.

É de salientar o trabalho do Quim, em colaboração com o «Campanera» e mais um ou outro, em benefício dos tempos livres da Comunidade.

Também agradeço aos leitores que nos têm ajudado nestas iniciativas. **Ginástica:** Como é costume, com a chegada das praias a ginástica

também terminou, dando lugar aos treinos de futebol quase todas as semanas, mas só para a malta maior.

CORO DE ERMESINDE — Há dias veio visitar-nos o Coro de Ermesinde, do qual faz parte um dos nossos, o Almerindo.

Vieram de manhã. Assistiram à Missa, na qual o nosso coro deu lugar ao de Ermesinde, tendo cantado alguns números desconhecidos entre nós.

Almoçaram perto da casa que servia de refúgio ao Pai Américo. O nosso coro permaneceu o resto da tarde em convívio, com estes amigos.

PARTIDAS E CHEGADAS — Partiu para a mais longínqua província portuguesa o nosso antigo chefe maior — o António. Estão, também, em vésperas de partir para Moçambique o Arménio e o Álvaro. Ambos vão cumprir o serviço militar.

Vieram visitar-nos o Antero, que se encontra na Alemanha e o Quim

«pequenito», a trabalhar em Angola. Quim «pequenito» também é discípulo do grande Gutenberg — trabalha nas Artes Gráficas como linotipista.

Vieram ainda muitos outros de que não tomámos nota. A Família cresce dia a dia...

LAVOURA — Hortas: Com a colheita da batata, a horta continua a dar legumes suficientes para a nossa cozinha.

A nossa horta tem de tudo, sempre com fatura!

Pomares: Em nossa quinta não faltam árvores de fruto. No tempo dela comemos com abundância.

Mas a abundância origina certos problemas. Ultimamente os poucos tribunais são devidos à fruta. E aos ninhos. E lá estão os da Casa 4 a entrar, algumas vezes injustamente, porque nem sempre são os pequenos, mas os já crescidos...

Luis Nunes Marques

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — A presença dos nossos Amigos aí vai. Não importa se poucos, se muitos. Importa, sim, o cunho d'amizade cristã, de fraternidade, que emerge de cada um. Que dizer do expressivo significado desta carta do Porto?:

«Os 100\$00, que junto, são para a vossa Conferência, em nome dos meus Pais e Irmãos: Vitorino, Leonor e José. Um abraço...»

Uma pequena família bota a mão aos Pobres!

Agora, vem lá a «Viúva do Porteiro» — nossa velha amiga:

«...São vinte para a Conferência de Paço de Sousa pelas melhores do

meu filho. Já o devia ter feito, mas nem sempre a gente faz o que deseja. E como sabe já tenho muitos anos. Estou desculpada, não é verdade?»

A delicadeza dos Pobres é assim mesmo. Aqui vai um abraço, um forte abraço para a senhora Rosa.

Mais 50\$00 da assinante 17022, que é duma perseverança a toda a prova. Mais 50\$00 de um clínico, muito amigo, das Caldas da Rainha. Mais 200\$00 doutro amigo de Rio Meão, cuja visita é uma hora cheia de vivência cristã. Mais, de Lisboa, 100\$00 de um anónimo «com os desejos de muitas felicidades para todos. Mais 100\$ da assinante 6433; 20\$ da R. António Carneiro, Porto; e um precioso embrulho de Mafra.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

CALVÁRIO

ANIVERSÁRIO — Recordar é viver! No mês de Maio passou mais um aniversário da solução — apesar das contrariedades, em devido tempo manifestadas, em crónicas e reportagens — do Campo Santo dos nossos irmãos do Calvário. Ultrapassam a centena os que ora jazem naquele lugar sagrado.

Deus tem manifestado aos homens a melhor forma de assinalar a efeméride: chama para Si, nesse mês, um ou mais irmãos! Este ano foi uma irmã.

Nos fins de Junho assinalámos o 19.º aniversário da ordenação sacerdotal do Homem que, nestes últimos 15 anos, tem sobre os ombros a Cruz do Calvário.

No dia 16 de Julho de 1957, este lugar, outrora uma mata sem vida, sem grande significado, começava a ser para muitos seres um Farol de certezas e contradições. E nesse mesmo dia, um ano antes, a Semente de que Deus Se serviu, da forma como só Ele sabe, deixava de existir humanamente para dar fruto.

Os Amigos dessas horas sabem que me refiro a Pai Américo, chamado por Deus em 1956.

Hoje, pela lei da vida, Pai Américo já não conta humanamente; mas espiritualmente o seu exemplo é lembrado profundamente, até por alguns homens do seu tempo que, decerto, não chegaram a perceber o alcance e o volume que a Obra iria ter após o seu desaparecimento terreno.

«AI O SOL!...» — Um acidente foi a causa de paralisia dos membros inferiores. E tão jovem!... Tem algum jeito para pequenos trabalhos. Dominada por complexos, por ter estado num leito amudadas vezes, devido à fragilidade dos seus membros, a verdade é que ultimamente sente-se mais bem disposta. De tal modo que a vemos já, com mais afinco, a executar trabalhos manuais!

A pessoa em questão parece revitalizada. Operou-se nela uma profunda transformação: «Ai o sol, que quentinho». Isto tem um significado extraordinário. É pena não o saber explicar melhor — como seria necessário. Pelo calor muito se aquecem as almas e os corações!... Por isso, é muito preciso que os homens — todos os homens — se resolvam a debruçar-se praticamente no problema dos Doentes pobres incuráveis.

Manuel Simões

RETALHOS DE VIDA

O Raúl



Sou natural de Cerva, onde nasci em 30 de Agosto de 1956. Tinha 9 anos quando morreu a minha Mãe.

Somos sete irmãos. Três deles e meu Pai estão em Lisboa.

Quando minha Mãe estava doente, muito mal, meu pobre Pai triste e desgraçado, saía de manhã e aparecia ao meio da tarde com a escuridão na frente dele. Ao chegar a casa só fazia mal...

Após a falecimento de minha Mãe, um nosso irmão que se encontrava no Porto tratou de arranjar casa para três. Conseguiu, por fim: Meteu dois na Casa dos Pobres e eu fui para um asilo, em Campanhã, onde estive cerca de 6 meses. Não era uma vida muito boa. E digo porquê: Depois do almoço, íamos para um salão que se encontrava dentro de casa. Saíamos uns minutos ao recreio, divertíamos-nos um pouco, e voltávamos ao salão. Quer dizer, andávamos sempre nessa história de entrar e sair.

Começaram as aulas. Estava na terceira classe com 10 anos. Um ou dois meses depois, estando bem sentado na escada, chamaram-me. Eu pensei: Para que será?!... De repente surge a boa notícia: «Vais para a Casa do Gaiato». Vim encontrar aqui os meus irmãos, que tinham ficado na Casa dos Pobres! Foi tão grande a minha alegria quando os vi!!

Dias depois fui trabalhar para a lenha, onde estive durante um certo tempo. A seguir, para a limpeza das casas. E prestei provas da 4.ª classe da Instrução Primária com 13 anos.

Ainda frequentei a Telescola — Ciclo Preparatório TV. Mas a minha cabeça não deu para muito...

Entretanto, cheguei aos 15 anos. Idade suficiente para poder escolher uma profissão. Prefiri ser alfaiate — a arte de que mais gosto. Sou aprendiz há quase dois anos e nunca me senti mal. Até aqui aprendi o que pude. E, conforme o tempo for correndo, aprenderei cada vez mais. Nunca tive uma vida melhor do que esta!

Desde que entrei na Casa do Gaiato tenho conhecido e aprendido muita coisa boa.

Vou terminar a minha breve história, com um forte abraço para todos os nossos leitores. É que, segundo diz o Júlio, estão sempre ansiosos por «Retalhos de Vida» — uma das colunas mais lidas do nosso jornal. Quem dera poder contar a minha história com todos os pormenores!...

Adeus.

Raúl Pereira da Silva

Gaiato

● «UM VERDADEIRO TESOURO»

O «Viagens» e restantes livros de Pai Américo continuam na ordem do dia!

As vezes, naquele jeito brincalhão — e a propósito das suas peculiares características de expressão e comunicação — chegou a dizer-nos: «Depois d'eu morrer é que vai ser...». É! Di-lo um nosso leitor de Vila Meã:

«Todos os livros de Pai Américo são um verdadeiro Tesouro, uma herança do Céu... Felizes os que a meditam e cumprem, não tendo nada a recear com os tempos...»

Na mesa comprida, à minha frente, «Herrera» está ocupado na embalagem e expedição dum remessa de vários títulos da nossa Editorial, para os quatro quadrantes; até para uma grande Editorial tripeira que motiva seus leitores e assinantes com obras de Pai Américo! O contrário das leis do mercado...

«Herrera», exuberante, está rodeado pelos olhos arregalados do «Toupeira», «Eusébio», «Varatojo», «Sabiná», «Tiroliro» & C., ocupados na expedição da última edição de «O Gaiato». Livro e jornal de mãos dadas.

«Que valente remessa, a d'hoje!» — exclama amigo «Herrera»; todos, afinal.

Eu cheirava correspondência da nossa Editorial; os pontos-chave sublinhados pelo nosso Padre Carlos. Presenças entusiásticas. Delicadas. Familiares. Sem linguagem estereotipada. O alfabeto da alma é bem mais expressivo, acutilante, diria explosivo!

● UM DIÁLOGO

Deixemos «Herrera» entregue à tarefa, de coração nas mãos. E fixemo-nos noutra imagem que, por distante, re-

A reedição do livro «Viagens»

vivo em plenitude: Quando pouco os olhos no típico ò (ao), de Pai Américo, passa-me pela mente um de vários diálogos saborosos:

— Como é que tu dizes: «vou ao Porto» ou «vou ò Porto?»...
— Ò Porto, respondi.
— Agora não — acentua Pai Américo — mas pode ser que daqui a 30 ou 50 anos vejas ou escrevas ò em vez de ao...

Fiquei suspenso. Rimos a bandeiras despregadas. E saí do escritório com aquele anda, vai-te embora.

● PRESENÇA DOS LEITORES

Abramos o rol de presenças. Os leitores e assinantes são um quadro vivo — bem vivo — da nossa Editorial. Seria pecado d'omissão esconder de baixo do alqueire este balanço dinâmico da sementeira de Pai Américo, no mundo das almas. Não falando já de como desperta e incentiva tanta gente, de geração em geração. Comunicação dos santos; de santos pecadores — com os pés na terra e os olhos no Céu.

Lisboa:

«Junto mais um vale para pagamento a prestações mensais dos livros que me enviaram do nosso Pai Américo e que leio sempre enlevado, colhendo ensinamentos para a minha conduta moral.»

Colaboram assim, conosco, muitos Trabalhadores. Pagam quando, como e se puderem.

Sublinhemos o transcendente significado destas compras a prestações dos nossos livros.

Mais Lisboa:

«Nesta data envio um vale registado, referente aos livros «Isto é a Casa do Gaiato» e «Viagens».

Agradeço o rápido envio dos mesmos e felicito-vos pelo êxito da iniciativa. A leitura destes livros ajuda-nos a aceitar as dificuldades da vida.»

Califórnia — Estados Unidos:

«Agradeço-vos a caridade do envio do «Viagens» do Pai Américo.

Irá fazer-nos tanto bem, como aliás sempre me têm feito todos os escritos daquele carismático Homem de Deus e Homem dos homens.

Como pequena ajuda para esta nova edição, ajuda de padre muito pobre que sou, incluo um cheque de dez dólares. Servo dedicado no Senhor...»

De algures:

«O «Viagens» ajudou-me a preencher as horas de solidão que passei no hospital.

Comovi-me muitas vezes e chorei algumas.

Como é actualíssima a doutrina pregada por Pai Américo há mais de vinte anos!

A generosidade de tantos (Pobres e Ricos) fez-me sentir muito egoísta.

Como me doeu a ferida — que trago há tanto tempo — de não ter sabido educar os rapazes que têm passado pela minha escola!...»

Porto:

«Meus amigos:

É a primeira vez que me dirijo a vocês e muito gosto tenho nisso.

Todos os 15 dias compro o jornal na Repartição e tantas vezes vejo os impressos para a aquisição dos livros e nunca me tinha disposto.

Pois, para começar, quero o livro «Viagens» para oferecer ao meu filho como prenda de exame e tenho a certeza de que tanto ele como eu vamos adorar lê-lo.

Gostava que mo enviassem em nome dele. Fica todo contente por receber correio em seu nome, além de que é surpresa...»

Não há nada que chegue à intuição maternal!

Vamos fechar a coluna com uma sugestão de velho amigo de Coimbra:

«Queridos Amigos:

Junto o vale postal de 100\$ para tentar contribuir para as despesas do «Viagens».

É mais um precioso elemento desta valiosa biblioteca.

Padre Luís

Vemos algumas vezes em jornais diários, na secção de anúncios (onde cuido que a publicação é mais barata), ou fora dela (onde sempre resulta menos profana!), orações a Santos tidos por milagreiros, no cumprimento de promessas, ou em agradecimento de «milagres» obtidos.

Também nós — raramente, é certo! — somos solicitados pra tal. Há poucos dias assim aconteceu; desta feita, não em homenagem a qualquer Santo, mas ao Menino Jesus de Praga que, pelos vistos, terá mais virtude que Jesus, simplesmente Jesus de Nazaré, o «filho do carpinteiro», que a Si mesmo Se chamou «o Filho do Homem» e é, sem princípio nem fim, o Filho de Deus.

Não é por mal que as pessoas assim fazem, mas por deformação, por uma deformação da Fé, em que todos temos culpas, na Igreja e vá..., agora também os jornais que vendem o seu espaço para este fim. Doi-nos, sobretudo, quando se trata de jornais com uma presença espiritual certíssima, abundantemente marcada, como é o caso do recorte que, com a carta por nós recebida, tenho sob os meus olhos.

Dentro do nosso «mundo» procuramos fazer o que podemos para o acerto da Fé:

Ele, são as velinhas... — e quantos não irão daqui escandalizados pela nossa recusa do «negócio»; pela proibição de

Religião?

acender velas no túmulo do «Santo Padre Américo» que, por isso mesmo, irradiava a Luz com que o Senhor o ilumina e não precisa de ser alumado pela luz de velas.

Ele o esforço de esclarecimento acerca de promessas e o alívio de consciências atormentadas pelo modo de as cumprir...

Ele, a chamar a atenção de tantos para a Presença Real de Jesus, digna da nossa reverência antes e acima de toda e qualquer outra presença...

Ele, o afirmar que o Cristianismo é vida e não um saudosismo piegas e interesseiro, cheirando a cera e a mortos...

Será isto religião? Não seria em nome dela que os fiéis compravam à porta do Templo, aos vendilhões que Jesus expulsou com um azorrague?

Quantas vezes nos ocorre tal cena evangélica ao presenciar manifestações desta «mística» de vendilhão, a que o povo se afez e que tão pouco se procura desfazer!

Quem dera que com muito pouca prudência natural e total ausência de contas, todos quantos neste assunto podem fazer algo, assumissem a responsabilidade de o fazer e se dessem à tarefa!



Uma Carta

«Amigos:

Não vos vou dar desculpas para justificar (ou atenuar) esta ausência longa no cumprimento de deveres que pensamos satisfazer numa manhã que tanto tarda.

A simpatia (amor?) pela Obra contradiz o descuido. Mas, sem tentar desculpas (já disse que as não quero), não deixarei de referir as amarguras de uma alma profundamente perturbada por vicissitudes que criaram marcas candentes cuja cicatrização

se não prevê. Daí certa incerteza de vida que leva a esquecer deveres e a lembrar desgraças. Deus sabe quanto sofrem aqueles que o destino marcou com dores que se recalçam num sorriso. Sem remédio autêntico, sem esperança que não pode haver, disfarçando lágrimas com sorrisos, cismando em cada momento, dormindo sem descansar, eis o quadro que se recomenda às orações dos Gaiatos.

Mando-vos 200\$00. Nem sei o que devo. Sei apenas que não queria dever. Agradeço que informem o que ficar em dívida, para tentar liquidar.

Pedi por mim. Pedi a Deus que permita eu consiga levar ao fim a cruz que me vai pesando tanto. Pedi-lhe que os gaiatos que eu tenho e adoro, não saibam nunca das amarguras que atormentam o pai. Pedi por mim...»

«Quem não lê... chapéu!» É um dos actuais mártires da TV.

Mas eu direi, quem não lê estes livros, que Deus lhe perdoe, mas não sabe o que perde.

A E. C. G. não poderia tentar que a TV transmitisse um anúncio dos vossos livros duas ou três vezes por semana?

Tentem um inquérito para obter a melhor forma de propaganda.

Para já, sugiro que se lhe atribua o nome de «Biblioteca Sem Preço»; porque o seu preço é o que cada um lhe atribuir e além disso, quais os tesouros que daí lhe advirão?

Aqui fica a sugestão com um abraço amigo...»

Júlio Mendes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Página 3

21/7/73

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

as coisas do Estado por se tratar de «patrão» que não se vê nem exige, terá de ser combatida com toda a energia. Essa luta deverá começar, porém, por cima, a partir dos mais elevados postos. Se os superiores não cumprirem os seus deveres, não estarão capacitados para os exigirem dos seus subordinados, além de que, corpo sem cabeça é acéfalo.

Reforma dos quadros, redistribuição do pessoal, apetrechamento mecânico, desenvolvimento de competência, sentido do dever e clima de disciplina, são, quanto a nós, vias a percorrer, supostas condições de justiça por parte do Estado. O trabalho oficial não pode ser mero «quadro», ou constituir-se

em regime de «part-time», para as pessoas descansarem ou aquecerem para as actividades privadas rendosas, com manifesto prejuízo da Nação e dos seus filhos. Há indivíduos com variadíssimas ocupações e lugares, que vão quando vão às suas obrigações oficiais; com frequência se surpreendem «assembleias» de pessoal, aqui e ali, enquanto o público espera ou os assuntos se arrastam; em muitos lugares, as horas de entrada e saída não são para se cumprir.

Que não faltem aos Responsáveis as forças e a coragem para fazer frente às dificuldades é o que, com toda a força de alma, desejamos, a bem da Nação.

CAMPANHA DOS TEMPOS LIVRES

LIVRES

Tempos livres. Como ocupá-los? Com quê?

Este é um dos problemas que mais aflige a sociedade actual e mais especialmente a camada Jovem.

Um problema que não nos passa despercebido e que nem todos querem resolver, mas sim vê-lo resolvido. É um dos muitos que gostaríamos de remediar dentro do nosso meio; mas, para que isso aconteça, é preciso trabalho e colaboração da parte de todos; e a vossa, amigos leitores, é indispensável.

Como já leram n'«O Gaiato» n.º 763, a nossa ideia é fazer, dentro das horas livres e da estrutura de que dispomos, uma pequena sala que sirva de discoteca e sala de leitura, onde a gente possa passar os nossos tempos de lazer, cultivando-nos dentro dos meios de que dispomos.

Claro que isto ainda nos vai demorar um tempo razoável e, ao longo da sua construção, vamos com certeza sentir umas certas dificuldades. Porém, com

a vossa ajuda, tudo se resolverá. Não é verdade? O que é preciso, é manter a ideia fixa e não a deixar «afogar»!

Quanto ao nosso apelo, ou seja, ao pedido feito no último «O Gaiato», do gira-discos e discos e outras coisas necessárias para a ocupação dos tempos livres, felizmente fomos atendidos por alguns leitores.

Eis uma pequena carta dum dos leitores que se prontificou logo a dar-nos a sua ajuda:

«Li o vosso apelo feito no n.º 763 do nosso «Gaiato»; não li o primeiro pedido.

Acho a vossa ideia cem por cento pertinente e penso, também, que a ides (ou vamos) realizar. Não tenho possibilidades materiais nem económicas para materializar totalmente a vossa pretensão, mas que diabo, não sou só eu a ler «O Gaiato» e alguém haverá — um ou dois vendedores de electrodomésticos, por exemplo, com possibilidades de vos oferecer um gira-discos e um gravador. No entanto, quero

ajudar-vos e, se não posso «despir-me» totalmente, posso ceder-vos uma «camisola», que ainda fico em «camisa»; ou de quatro «peúgas» emprestar-vos um «par» enquanto uso outros e depois emprestar-vos uma «gravata» enquanto me devolvem as primeiras «peúgas», etc. Percebem a ideia?»

Agora pergunto:

Dos cinquenta mil leitores que «O Gaiato» conta, não haverá uns poucos como este? Ou esta iniciativa passará despercebida à maioria?! Não acredito.

Ai vão alguns dos que não deixaram passar a iniciativa em vão e se prestaram logo a dar o seu contributo:

Primeiramente um gira-discos e vinte discos do esposo da sra. D. Rosa, do Porto; ainda outro dum anónimo do Porto; dum leitor amigo de Tomar, 50\$00 e da sra. D. Hilda Campos, de Lisboa, um vale de 50\$00.

Como notámos a falta de discos, resolvemos recortar o artigo e enviar p'ra 21 discotecas do País. Felizmente já fomos atendidos por algumas.

Abre a Vadeca com 12 discos; da Clave 100 discos; Casa Ricardo Lemos 10 discos. E, para finalizar, dos estabelecimentos Valentim de Carvalho 15 discos. Todos do Porto. Os de Lisboa parece que não gostaram da ideia.

E, por agora, ficamos à espera que sejam mais, muito mais leitores que se lembrem de nós. Não quer dizer que sejam só discos e gira-discos. Percebem? É preciso também livros e o necessário para se adquirir, por exemplo, material para a decoração, instalação sonora, etc.

Para todos os leitores citados e gerentes das discotecas, o nosso muito obrigado. E, quando houver mais, não se esqueçam. A direcção é a seguinte: Campanha dos Tempos Livres — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Joaquim Teixeira

Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

seguições, das angústias — da felicidade na contradição.

No grau que Deus lhe destinou; à distância de vivências semelhantes de Ezequiel, de Paulo e de tantos outros..., que só Deus sabe; à imitação humilde, apaixonada, do Único que é Mestre e Senhor, Cristo Jesus — esta é a espécie a que pertence Pai Américo.

Na Terra foi feliz! O que não será no Céu?!



Uma rua do velho Barredo.

Cont. da PRIMEIRA página

Pois é um Barredo assim que começa a ser esperança para breve, a julgar da notícia há tempos lida, e aqui referida, da construção de torres destinadas a moradia de Famílias que hão-de mudar-se do Barredo (a foto delas aí vai também) e de nova notícia emanada da Reunião do Presidente da Câmara e Vereadores do Porto em 14 de Junho passado:

«Conscientes desta situação, encarou a Câmara a tarefa de promover a renovação urbana de tais sectores, no sentido de dominar a problemática duma forma global, a todos os níveis. Dessa preocupação nasceu o estudo cujo objectivo era o de, analisando um caso típico e concreto de «habitat» insalubre, definir as bases em que a acção municipal se poderia exercer nos sectores da cidade com condições deficientes de habitação.

«Escolheu-se o Barredo, não só por se tratar de um caso típico de degradação a todos os níveis, mas por apresentar, além disso, interesse turístico e estético, e constituir uma unidade morfológica e social.

«(...) Nesse sentido se constituiu o embrião dum grupo de trabalho e procedeu à revisão do atrás citado estudo e o transformou no «Plano de Renovação do Barredo».

«Contém este plano, toda uma complexa acção de renovação, norteadas por métodos dinâmicos e globais que assegurem o respeito dos valores positivos que possam existir nos



aspectos físico, humano, social, etc., métodos que permitam dar à palavra renovação o seu verdadeiro sentido — o de continuar, inovando — e levem a melhor as condições de toda a ordem, em que vivem as populações que por ela são afectadas e não apenas as condições de habitação.»

Trata-se, pois, de um Plano que procura visar não só as estruturas materiais da habita-

ção, mas a promoção dos valores de toda a ordem que permitam edificar o homem a quem o Plano deve servir.

Trabalho inédito no nosso País — prossegue a notícia — não é fácil prever todos os obstáculos que se levantarão, tampouco o custo exacto do empreendimento e a fixação de um prazo para o executar completamente. Pensa-se num período de 5 anos e em quan-

tias da ordem dos 73 mil contos.

Deseja-se, no entanto, começar o mais depressa possível, não já na execução do Plano total, mas de alguns quarteirões de bairro.

Oxalá não venha a sofrer-se desilusões quanto a estas perspectivas tão dinâmicas, tão de boa-vontade, de quem propõe o Plano.

Que Pai Américo o advogue lá do Aito, ele que tanto pugnou por esse «lugar de Mártires, de Heróis, de Santos», enquanto viveu na Terra. Ali tem ele lugar no coração de cada um. A realização deste programa seria o mais autêntico monumento que o Porto lhe poderia levantar.



Construção de moradias destinadas a Famílias que hão-de mudar-se de acordo com o «Plano de Renovação do Barredo».

